

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS INFINITY JUSPREV

São Paulo, 09 de abril de 2012.

CENÁRIO ECONÔMICO EM MARÇO

O mês de março foi marcado por dois momentos muito distintos. Na primeira quinzena do mês houve uma continuidade do movimento de alta dos mercados de ações, motivada pela nova injeção de liquidez realizada pelo Banco Central Europeu. A autoridade monetária da Zona do Euro colocou à disposição das instituições financeiras um montante de 529 bilhões de euros no final do mês de fevereiro. Apesar de boa parte deste volume de recursos permanecer “represada”, de fato houve um aumento da demanda por ativos de maior risco. Os dados da economia norte-americana também deram força às bolsas, com continuidade do processo de recuperação dos setores produtivos e, conseqüentemente, do mercado de trabalho. O Federal Reserve divulgou o resultado dos testes de estresse das instituições financeiras e a maioria delas encontra-se em situação relativamente confortável. Já na segunda quinzena de março alguns velhos assuntos voltaram à pauta. A crise da dívida dos países da Zona do Euro, ainda longe de uma solução plausível e com sinais de aprofundamento do período recessivo em diversos países após as medidas de ajuste fiscal adotadas nos últimos meses, e principalmente a trajetória de desaceleração da economia da China, onde as autoridades ainda demonstram muita preocupação com as pressões inflacionárias. O governo chinês reduziu sua projeção de crescimento do PIB de 2012 para 7,5%, o menor patamar em quase dez anos, e as projeções de um “pouso suave” no gigante asiático passaram a ser de um “pouso forçado”. Mesmo diante destes temores, o índice acionário norte-americano S&P-500 fechou o mês com alta de 3,1%, próximo da máxima do ano. Por aqui, após o Ibovespa exibir consistente alta nas duas primeiras semanas, o “efeito China” pesou sobre os principais setores da bolsa brasileira e o índice encerrou o mês de março aos 64.511 pontos, uma queda de 1,98%.

No front interno, o Comitê de Política Monetária do Banco Central cumpriu sua “promessa” e reduziu a taxa básica de juros em 0,75 pp, para 9,75% ao ano. A decisão de certa forma surpreendeu o mercado, pois muitos apostavam em um novo corte de 0,50 pp. A ata da reunião trouxe novas surpresas e foi ainda mais explícita do que o documento da reunião anterior. O texto afirmou que o Comitê “atribui elevada probabilidade à concretização de um cenário que contempla a taxa Selic se deslocando para patamares ligeiramente acima dos mínimos históricos, e nesses patamares se estabilizando”. Este mesmo texto foi repetido no Relatório Trimestral de Inflação, que mostrou certo conforto do Banco Central em relação à trajetória inflacionária. Vale lembrar que a mínima histórica da Selic foi de 8,75% ao ano, o que leva a crer que o patamar que o Banco Central busca para a taxa básica é de 9,00% ao ano. Os juros futuros seguiram em queda. O DI jan/13 recuou de 9,21% para 8,91% aa, o DI jan/14 passou de 9,70% para 9,52% aa e o DI jan/17 encerrou o mês de março negociado a 10,68%, de 10,80% aa do fechamento de janeiro. Alguns indicadores mereceram destaque. Do lado da inflação, o IPCA segue em trajetória de queda e avançou apenas 0,21% em março. Com este resultado, passou a acumular alta de 5,24% nos últimos doze meses, aproximando-se pouco mais do centro da meta de inflação. Do lado da atividade local, a produção industrial do mês de fevereiro avançou 1,3% ante janeiro, recuperando parte do tombo do mês anterior, porém mostrou queda de 3,9% em base anual. Alguns dados mais defasados também mostraram queda da atividade no início deste ano. O IBC-Br registrou queda de 0,13% em janeiro. O mercado de trabalho segue aquecido e a taxa de desemprego medida pelo IBGE foi de 5,7% para o mês de fevereiro.

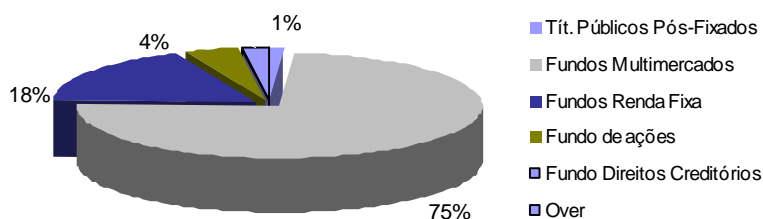
RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS INFINITY JUSPREV

O mercado cambial doméstico também sofreu com o aumento da aversão ao risco no exterior, mas o principal fator para o movimento de valorização do dólar no mês de março foram as atuações da equipe econômica do governo central em diversas frentes. No primeiro dia do mês o governo aumentou o prazo de incidência do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) sobre os empréstimos externos de 2 anos para 3 anos e limitou o financiamento às exportações para o prazo de apenas um ano. Alguns dias depois, o prazo de incidência do IOF sobre empréstimos externos passou de 3 anos para 5 anos e reduziu para zero a alíquota do IOF nas operações de hedge cambial dos exportadores. O Banco Central seguiu realizando seus leilões de compra de dólares no mercado à vista e também realizou operações de swap cambial reverso. Tudo isso somado provocou uma forte correção do preço do dólar, que recuperou parte significativa das perdas acumuladas no ano. A taxa comercial da moeda norte-americana encerrou o mês de março negociada a R\$ 1,826 nas operações de venda, uma valorização de 6,16% no período. A desvalorização acumulada em 2012 passou a ser de 2,30%. Em relação aos dados já conhecidos do mês passado, destaque para o superávit de US\$ 2,02 bilhões da balança comercial e para o fluxo cambial positivo de US\$ 5,74 bilhões.

INFINITY JUSPREV FIC FIM

A posição da carteira está diversificada em aplicações em cotas de fundos de investimento multimercado, cotas de fundos de investimento de renda fixa, cotas de fundo de ações, cotas de fundo de investimento em direitos creditórios, títulos públicos pós-fixados (LFTs) e operações compromissadas (over).

Composição da Carteira Infinity Jusprev



O Infinity Jusprev FIC FIM apresentou retorno equivalente a 77,59% do CDI no mês de março. Ao contrário dos dois primeiros meses de 2012, a bolsa de valores apresentou desempenho negativo e comprometeu a performance das cotas do fundo de ações Infinity Selection. O retorno nominal desta aplicação foi de -3,82% (-470,8% do CDI de março), mas vale lembrar que esta classe de ativos corresponde a apenas 4,1% do patrimônio líquido do fundo. Por outro lado, todas as cotas dos fundos multimercados apresentaram rentabilidades superiores ao benchmark. O Infinity Institucional FIM, que possui a maior parcela do patrimônio, apresentou ganho equivalente a 102,20% do CDI, o Infinity Unique FIM, 103,77% do CDI, e o Infinity Eagle FIM obteve o melhor desempenho desta classe de ativos, com retorno de 109,86% do CDI. A rentabilidade do fundo de renda fixa Infinity Lótus foi de 103,11% do CDI e o Fundo de Investimento em Direitos Creditórios

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS INFINITY JUSPREV

Multisetorial BVA Master III atingiu sua rentabilidade-alvo de 100% do CDI + 3,5% aa, um retorno próximo de 134% do benchmark em março. Por fim, a pequena parcela destinada aos títulos públicos (LFTs) apresentou performance praticamente igual ao CDI.

Para maiores esclarecimentos sobre a performance dos fundos multimercados (Institucional, Unique e Eagle) e de renda fixa (Lotus) sob gestão da Infinity, vide o relatório mensal em anexo.

EXPECTATIVAS - CURTO PRAZO

Cenário Internacional: Os indícios de uma desaceleração mais aguda da atividade econômica da China do que era inicialmente previsto pelos analistas têm sido um dos focos de atenção no início deste 2º trimestre de 2012. Após um início de ano de menor aversão ao risco, fruto da elevada liquidez patrocinada pelos bancos centrais dos países desenvolvidos, o cenário atual inspira uma maior cautela. O governo da China segue mostrando uma preocupação excessiva com o quadro inflacionário e já projeta um crescimento econômico em 2012 inferior ao do ano passado, mas há muito espaço para políticas expansionistas. Na Zona do Euro, o Banco Central Europeu tem mostrado mais disposição para combater a recessão, como foi observado na nova injeção de liquidez promovida no mês passado, mas é sabido que os ajustes fiscais propostos pelos países em crise deverão agravar a situação econômica dos países do continente. A demanda pelos títulos das dívidas dos países periféricos europeus tem sido razoável e as condições de colocação, com queda dos yields pagos, melhorou sensivelmente no primeiro trimestre do ano, mas continuarão sendo observadas pelo mercado. Nos EUA, o processo de recuperação da atividade econômica segue em curso. No início deste mês de abril, o Federal Reserve afastou a possibilidade de adoção de uma nova rodada de estímulos monetários no curto prazo e afirmou que o ritmo de expansão da atividade econômica segue moderado, com recuperação gradual de alguns setores como o mercado de trabalho. Além dos dados macroeconômicos, os investidores também irão monitorar o início da temporada de divulgação de balanços corporativos do 1º trimestre. Se por um lado a atividade deu sinais de melhora, por outro poderemos observar alguma pressão de aumento dos custos (principalmente a alta do petróleo) sobre os resultados das empresas.

Câmbio: Diante das recentes declarações dos integrantes da equipe econômica do Governo Federal, o piso informal da taxa de câmbio agora parece ser R\$ 1,80. As dificuldades enfrentadas no controle cambial ainda são as mesmas. Uma desvalorização excessiva do câmbio é prejudicial à indústria nacional e a apreciação do dólar é maléfica à inflação. O governo tem instrumentos para controlar e já deu sinais de que não poupará esforços. No início deste mês de abril foi lançado um pacote de incentivos à indústria que visa diminuir a carga tributária de diversos setores, além de melhores condições de financiamento. Isto pode contribuir para uma menor pressão do setor industrial sobre o câmbio. No exterior, o Federal Reserve indicou que não deverá adotar um “Quantitative Easing 3” no curto prazo e é uma fonte a menos de pressão sobre o real.

Juros: O Banco Central passou a adotar uma postura muito transparente em seus últimos documentos oficiais, o que de fato aumentou a previsibilidade sobre seus próximos passos. No início do ano, o recado era de que a instituição tinha o objetivo de levar a Selic para um dígito, decisão concretizada na última reunião do

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS INFINITY JUSPREV

Comitê de Política Monetária. No início do mês de março, a instituição afirmou que tem a intenção de reduzir a taxa básica de juros para “patamares ligeiramente acima dos mínimos históricos”. Dado que o menor nível da história da Selic é 8,75% ao ano, o mercado passou a apostar de forma majoritária em um novo corte de 0,75 pp na reunião do Copom deste mês de abril, reduzindo a taxa para 9,00% ao ano. A instituição tem como base a desaceleração em curso da atividade econômica brasileira e conta com um viés desinflacionário da economia internacional para dar continuidade ao ciclo de redução dos juros neste início de ano. A autoridade monetária também tem mostrado outros motivos que vão além de fatores conjunturais, como alterações da taxa neutra de juros nos últimos anos, um reflexo das mudanças estruturais da economia brasileira. Diante da clara disposição de reduzir a Selic, o Banco Central necessitará de ajuda da equipe econômica do governo no combate à inflação (via ajustes fiscais mais rígidos) e também poderá lançar mão do uso de medidas macroprudenciais, como medidas de maior restrição ao crédito.

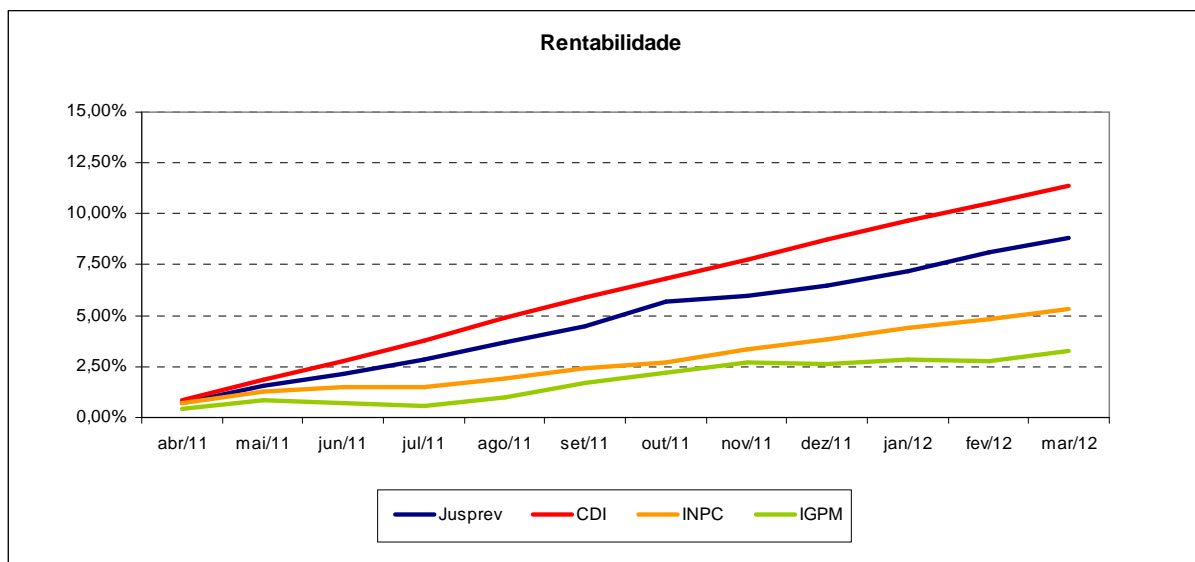
Bolsa de Valores: Depois de um primeiro bimestre bastante positivo, o Ibovespa chegou a ensaiar uma nova alta durante o mês de março, mas fechou o mês com queda de 2%. Essa perda de fôlego está relacionada principalmente a dois fatores: a desaceleração da economia da China e o prolongamento da crise da dívida dos países da Zona do Euro. Em relação ao velho continente, nada de novo, mas os sinais de um “hard-landing” no gigante asiático aumentaram a aversão ao risco dos investidores e é o que tem movido o mercado nas últimas semanas. Os investidores estrangeiros lideram o processo de realização de lucros, mas ainda assim o Ibovespa abre o 2º trimestre do ano com uma valorização acumulada próxima de 14% no ano. Por aqui, o Copom deve levar a Selic para 9% ao ano na reunião deste mês, elevando a atratividade dos investimentos em renda variável. No entanto, a nova redução já está no preço dos ativos. Em relação às notícias setoriais, muito tem se falado sobre a pressão do governo para a redução dos spreads bancários e o uso das instituições estatais (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal) como líderes no processo de redução dos juros cobrados, porém nada disso ainda é oficial. Setores para acompanhamento: Financeiro, Petrolífero e Siderúrgico. Setor substituído: Construção Civil.

**RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS
INFINITY JUSPREV**

RENTABILIDADES

	Indicadores				
	JUSPREV	CDI	INPC	IGPM	%CDI
abr-11	0,74%	0,84%	0,72%	0,45%	88,53%
mai-11	0,80%	0,99%	0,57%	0,43%	80,73%
jun-11	0,60%	0,95%	0,22%	-0,18%	63,30%
jul-11	0,68%	0,97%	0,00%	-0,12%	70,33%
ago-11	0,83%	1,07%	0,42%	0,44%	77,30%
set-11	0,74%	0,94%	0,45%	0,65%	78,95%
out-11	1,15%	0,88%	0,32%	0,53%	129,85%
nov-11	0,30%	0,86%	0,57%	0,50%	35,36%
dez-11	0,43%	0,91%	0,50%	-0,12%	47,78%
jan-12	0,68%	0,89%	0,55%	0,25%	76,94%
fev-12	0,88%	0,74%	0,39%	-0,06%	118,54%
mar-12	0,63%	0,81%	0,50%	0,43%	77,59%
Acumulado	8,80%	11,40%	5,33%	3,24%	77,20%

RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS INFINITY JUSPREV



Infinity Asset Management
www.infinityasset.com.br



Este Relatório Mensal de Investimentos foi elaborado pela equipe da Infinity Asset Management e tem como único objetivo a prestação de informações sobre a gestão dos fundos da própria Infinity. Este documento não deve ser considerado uma oferta de venda dos fundos, nem tampouco constitui um prospecto previsto na Instrução CVM nº 409/2008 ou no Código de Auto-Regulação da Anbid. As informações aqui apresentadas foram baseadas em fontes oficiais e de ampla difusão. A Infinity não se responsabiliza por eventuais divergências e/ou omissões. As opiniões aqui constantes não devem ser entendidas, em hipótese alguma, como uma oferta para comprar ou vender títulos e valores mobiliários ou outros instrumentos financeiros.

As informações deste material são exclusivamente informativas. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. É recomendada uma análise de, no mínimo, 12 meses. Fundos de Investimento não são garantidos pelo administrador do fundo, gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro, ou ainda, do fundo garantidor de crédito (FGC). Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e o regulamento do fundo de investimento antes de efetuar qualquer decisão de investimento. Para avaliação da performance de fundos de investimento, é recomendável uma análise de, no mínimo, 12 meses. Estratégias com derivativos podem resultar em perdas patrimoniais para seus cotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo.